

VOZ DA FÁTIMA

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos — Seminário de Leiria
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cônego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria» — Leiria

Lisboa
Biblioteca Municipal Central de
LISBOA

ANO XLIV — N.º 540
13 DE SETEMBRO DE 1967
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

Porque escapou Portugal à guerra?

ENTRE todas as solenidades do Ano Cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora da Fátima ficará certamente assinalada como uma das principais a Peregrinação dos Municípios nos dias 22 e 23 de Julho. Trezentos e quatro Presidentes das Câmaras Municipais do Continente e cento e dois das Ilhas Adjacentes e do Ultramar, unidos ao Supremo Magistrado da Nação — o Senhor Presidente da República — e vários Ministros, na presença dos dois Cardeais Portugueses e de vários Prelados, num acto público e oficial, agradeceram a Nossa Senhora as suas aparições de há cinquenta anos e consagraram ao seu Imaculado Coração a nossa Pátria.

Na transcendente homilia que então proferiu, revelou o Senhor Cardeal Patriarca a razão por que fomos poupados aos horrores da última guerra: — a consagração de Portugal ao Imaculado Coração de Maria feita pelos nossos Prelados na Fátima no dia 13 de Maio de 1931. Já Sua Eminência o tinha dado a conhecer ao prefaciador um livro francês sobre as Aparições da Cova da Iria, escrito pelo Cônego Barthas. Nesse prólogo, que a *Voz da Fátima* transcreveu no seu número de 13 de Outubro de 1956, dizia o Venerando Prelado:

«Em 1931 o Episcopado Português foi pela primeira vez oficialmente à Fátima. O Bispo de Leiria tinha declarado em 1930 autênticas as aparições. Era a acção de graças da Nação. E nessa ocasião o Episcopado consagrou solenemente Portugal ao Coração Imaculado de Maria. Esta consagração foi o complemento da consagração feita em 1930 ao Coração Sacratíssimo de Jesus... O Episcopado ignorava intuitivamente a revelação que pedia esta consagração como penhor de paz e de especiais graças... Só mais tarde, em 1940, ...soubemos que a consagração do País correspondia ao desejo revelado por Nossa Senhora e as promessas que lhe estavam anexas relativas à paz e à vitória sobre o comunismo russo».

No discurso proferido na Peregrinação dos Municípios, contou o Senhor Cardeal Patriarca que em 6 de Fevereiro de 1939 a vidente Lúcia comunicou ao Senhor Bispo de Leiria que a guerra estava iminente, que Portugal ficaria ileso da catástrofe, mas que alguma coisa teria que sofrer por suas culpas.

Oíçamos as próprias palavras de Lúcia citadas por Sua Eminência:

«O principal castigo será para as nações que queriam destruir o reino de Deus nas almas. Portugal está disso também culpado, sofrerá em pena alguma coisa, mas será protegido pelo Coração Imaculado de Maria; mas o nosso bom Deus espera que Portugal repare e ore por si e pelas demais nações».

«A profecia realizou-se à letra» — comenta o Venerando Prelado, que no citado prólogo do livro do Cônego Barthas acrescenta: isto foi anunciado com seis meses de antecedência «com miraculosa precisão, o que era então imprevisível».

Tanto na Peregrinação dos Municípios como na inauguração do Monumento Nacional a Cristo Rei em Almada, no dia 17 de Maio de

1959, citou Sua Eminência uma passagem da carta da Lúcia ao Papa Pio XII, datada de 2 de Dezembro de 1940, isto é, quase no princípio da guerra. Em tais palavras patenteia-se a protecção de Deus a Portugal devido à consagração da nossa pátria ao Imaculado Coração de Maria:

«Santíssimo Padre, se é que na união da minha alma com Deus não sou enganada, Nosso Senhor promete, em atenção à consagração que os Excelentíssimos Prelados Portugueses fizeram da nação ao Imaculado Coração de Maria, uma protecção especial à nossa Pátria durante esta guerra e que esta protecção será a prova das graças que concederia às outras nações, se como ela tivessem sido consagradas».

Razão tinha Sua Eminência para proclamar com toda a convicção e entusiasmo no passado dia 23 de Julho:

«Sim, a paz concedida a Portugal durante a guerra, proclamemo-lo, foi graça divina obtida pela consagração de Portugal ao Coração Imaculado de Maria»;

foi penhor e sinal das graças reservadas às outras nações, pela devoção ao Coração Imaculado de Maria;

foi já princípio daquele triunfo anunciado do Coração Imaculado de Maria da «paz de Cristo no reino de Cristo».

Desde o passado dia 23 de Julho, Portugal está solene e oficialmente consagrado ao Imaculado Coração da Mãe de Deus. Agora é preciso que este gesto seja seguido e imitado por todas as colectividades, famílias e pessoas. Assim no-lo recomenda o Santo Padre Paulo VI na exortação Apostólica *Signum Magnum* publicada em Roma precisamente no passado dia 13 de Maio:

«E porque este ano — diz Sua Santidade — se comemora o vigésimo quinto aniversário da consagração da Igreja a Maria, Mãe de Deus, e ao seu Coração Imaculado, feita pelo Nosso Predecessor de santa memória, Pio XII, em 31 de Outubro de 1942, por ocasião da Rádio-Mensagem à Nação Portuguesa — consagração que Nós mesmo renovámos em 21 de Novembro de 1964 — exortamos todos os filhos da Igreja a renovar pessoalmente a sua própria consagração ao Coração Imaculado da Mãe da Igreja e a viver este nobilíssimo acto de culto com uma vida cada vez mais conforme à Vontade Divina e em espírito de serviço filial e de devota imitação da sua celeste Rainha».

F. L.

PEREGRINAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DE PORTUGAL



Constituiu magnífica manifestação de fé e amor a Nossa Senhora a peregrinação que os Municípios de Portugal continental, insular e ultramarino realizaram ao Santuário da Fátima.

A bela iniciativa, lançada pelo Município de Vila Nova de Ourém, foi acolhida com o maior entusiasmo por todas as Câmaras que acorreram na sua melhor representação à Fátima, para agradecerem a Nossa Senhora a graça das suas aparições e fazerem a consagração à Virgem Santíssima. Juntaram-se mais de 50 mil pessoas.

O Ultramar esteve largamente representado com os estandartes de todas as Câmaras municipais.

As cerimónias começaram com um grandioso desfile de mais de 400 estandartes desde a Cruz Alta ao altar exterior da Basílica, na noite do dia 22, tendo-se seguido uma hora santa com pregação pelo Rev. Dr. Domingos Maurício dos Santos, e procissão de velas. O andor com a imagem de Nossa Senhora foi conduzido aos ombros dos Presidentes das Câmaras.

No dia 23 as cerimónias iniciaram-se com uma imponente procissão com a imagem da Virgem da Fátima acompanhada de todos os estandartes.

Tomaram parte nesta e nas restantes cerimónias os Senhores Ministros do Interior, Ultramar e Saúde e Assistência, os comandantes gerais da P. S. P. e G. N. R.

O Senhor Presidente da República, sua esposa e membros da Casa Militar assistiram igualmente à missa e consagração dos

Municípios. Os governadores civis do continente também tomaram parte.

Celebrou a missa o Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa. Ao evangelho o celebrante proferiu uma eloquente alocução.

Assistiram em lugar especial os Senhores Arcebispos de Coimbra e de Évora, Bispos de Leiria, Beira, auxiliar de Leiria e coadjutor de Lamego e o Administrador da diocese do Porto, S. Em.º o Cardeal D. José da Costa Nunes, que se encontrava no Santuário a fazer retiro espiritual, assistiu às cerimónias de uma janela do Hospital.

Depois da missa foi lida a consagração dos Municípios a Nossa Senhora que todos acompanharam com a maior devoção e emoção.

Cerca de 25 doentes receberam, em seguida, a bênção do Santíssimo Sacramento dada por S. Em.º o Cardeal Patriarca.

No fim da peregrinação, o Senhor Presidente da República recebeu os cumprimentos dos Governadores Civis e dos Presidentes das Câmaras e de outros peregrinos, no salão da Casado Retiros Senhora das Dores. Ao Senhor Almirante Américo Tomás foi oferecida pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém a medalha comemorativa do Cinquentenário das aparições.

Terminada esta cerimónia, o Chefe do Estado acompanhado dos Ministros do Interior, Ultramar, Saúde e Assistência e dos Governadores Civis do continente, dirigiu-se ao pavilhão da Exposição que visitou demoradamente.

Exortação Pastoral de Paulo VI sobre o culto de Nossa Senhora

SEGUNDA PARTE

DEVOTA IMITAÇÃO DAS VIRTUDES DE MARIA SANTÍSSIMA

1. A verdadeira devoção a Maria Santíssima leva à imitação das suas virtudes

Porém, nem a graça do Redentor divino, nem a intercessão poderosa da sua Mãe e nossa Mãe espiritual, nem a sua excelsa santidade poderiam conduzir-nos ao porto da salvação, se a tudo isso não correspondesse a nossa perseverante vontade de honrar Jesus Cristo e a Virgem Santa com a devota imitação das suas sublimes virtudes.

É, pois, dever de todos os cristãos imitar com espírito reverendo os exemplos de bondade que lhes foram deixados pela Mãe do Céu. É esta, Veneráveis Irmãos, a outra verdade sobre a qual Nos agrada chamar a vossa atenção e a dos filhos confiados aos vossos cuidados pastorais, para que eles aceitem favoravelmente a exortação dos Padres do II Concílio do Vaticano: *Recordem-se os fiéis de que a devoção autêntica não consiste em sentimentalismo estéril e passageiro, ou em vã credulidade, mas procede da fé verdadeira que nos leva a reconhecer a excelência da Mãe de Deus e nos incita a um amor filial para com a nossa Mãe, e à imitação das suas virtudes* (13).

É a imitação de Jesus Cristo, indubitavelmente, o régio caminho a percorrer para chegar à Santidade e para imprimir em nós mesmos, segundo as próprias forças, a perfeição absoluta do Pai Celeste. Mas, se a Igreja Católica sempre proclamou esta verdade tão sacrossanta, também afirmou que a imitação da Virgem Maria, longe de afastar as almas do fiel seguimento de Cristo, o torna mais amável, mais fácil; na verdade, havendo Ela cumprido sempre a vontade de Deus, mereceu em primeiro lugar o elogio que Jesus dirige aos seus discípulos: *Todo aquele que fizer a vontade de meu Pai, que está nos Céus, esse é que é meu irmão, minha irmã e minha mãe* (Mat. 12/50).

2. «Per Mariam ad Jesum»

É, também, válida para a imitação de Cristo a norma geral: «*Per Mariam ad Jesum*». Não se perturbe, porém, a nossa fé, como se a intervenção duma criatura em tudo semelhante a nós, menos no pecado, ofendesse a nossa dignidade pessoal e impedisse a intimidade e a nossa relação imediata de adoração e de amizade com o Filho de Deus. Reconheçamos antes a bondade de Deus nosso Salvador (cf. Tit. 3/4) o qual, condescendendo com a nossa miséria tão afastada da sua infinita santidade, nos quis ajudar a imitá-la propondo-nos o modelo da pessoa humana de sua Mãe. Ela,

na verdade, entre as criaturas humanas oferece o exemplo mais brilhante e, ao mesmo tempo, mais perto de nós daquela perfeita obediência com a qual nos conformamos amorosa e prontamente aos desejos do Pai eterno; e o próprio Cristo, como bem sabemos, foi nesta plena adesão à vontade do Pai que disse estar o ideal supremo da sua conduta humana, ao declarar: *Eu sempre faço o que é do seu agrado* (Jo. 8/29).

3. Maria, nova Eva, Aurora do Novo Testamento

Se pois contemplarmos a humilde Virgem de Nazaré na auréola das suas prerrogativas e das suas virtudes, vê-la-emos refulgir ao nosso olhar como a *Nova Eva* (14), a excelsa Filha de Sião, o vértice do Antigo Testamento e a aurora do Novo, na qual se realizou a plenitude do tempo (Gál. 4/4), predestinada por Deus Pai para enviar o seu Filho Unigénito ao mundo. Na verdade, a Virgem Maria, mais do que todos os patriarcas e profetas, mais do que o justo e piedoso Simeão, obteve e implorou a consolação de Israel... o Messias do Senhor (Luc. 2/25-26), e saudou a sua vinda com o hino do *Magnificat*, quando Ele desceu ao Seu castíssimo seio, para nele assumir a nossa carne. Por isso, é em Maria que a Igreja aponta o exemplo do mais digno modo de receber no nosso espírito o Verbo de Deus, consoante a luminosa sentença de Santo Agostinho: *Mais bem-aventurada, pois, foi Maria em receber a fé em Cristo, do que em conceber a carne de Cristo. A consanguinidade materna, portanto, de nada teria servido a Maria, se Ela não se tivesse sentido mais feliz em acolher Cristo no seu Coração, que no seu seio* (42). E ainda é n'Ele que os cristãos podem admirar o exemplo de como realizar, com humildade insigne e grandeza de ânimo, a missão que a cada um neste mundo Deus confia, em ordem à sua própria salvação eterna e à do próximo.

Portanto, vo-lo rogo, tornai-vos meus imitadores, como eu o sou de Cristo (I Cor. 4/16). Estas palavras, com maior razão do que Paulo aos cristãos de Corinto, pode a Mãe da Igreja dirigi-las à multidão dos crentes que, em uníssono de fé e de amor com as gerações dos séculos passados, a aclamam como bem-aventurada (cf. Luc. 1/48). É um convite a que devemos prestar dócil atenção.

(Continua)

(13) L. G. 67 cf. S. Tomás, *Sum. Theol.*, P. II-II, q. 81, a. 1, ad 1; P. III, q. 25, a. 1, 5.

(14) Cf. S. Ireneu, *Adv. Hæc.* III, 22, 4 (P. G. 7, 959); S. Epifânio, *Hæc.* 78, 18 (P. G. 42, 728-729); S. João Damasceno, *Homil. I in Nativitate B. M. V.* (P. G. 96, 671 ss.); (L. G. 56).



Fátima, 22 de Julho — Desfile das bandeiras dos municípios portugueses

Peregrinação de 12 e 13 de Agosto

CONSTITUIU um grandioso espectáculo de fé e amor a Nossa Senhora a peregrinação de 12 e 13 de Agosto.

Foi uma das mais grandiosas das que se têm verificado no mês de Agosto. O recinto encheu-se de peregrinos da diocese de Leiria, de muitos pontos do País e de mais de 12 nações. Calcula-se em cerca de 100 mil peregrinos a multidão que esteve na Cova da Iria nesta peregrinação.

Para o maior brilho das cerimónias contribuiu a realização do XII Congresso Mariano Internacional, cujo encerramento se efectuou no dia 13 à missa de pontifical celebrada por S. Em.* o Cardeal Patriarca de Lisboa.

As cerimónias do dia 12 constaram de entrada solene dos peregrinos de Leiria sob a presidência do Senhor Bispo da diocese que deu as boas-vindas aos seus diocesanos e recordou o significado da presença da diocese: comemoração do cinquentenário das aparições, e a da restauração da diocese e do Ano da Fé.

Teve significado especial a oferta simbólica de flores vindas de diversos pontos, em especial da Holanda. Nesta oferta tomaram parte S. Em.* o Cardeal Thomas Cooray, Arcebispo de Colombo, Ceilão, e os Bispos de Zacapa (Guatemala), Luso (Angola), Dom Paolo Hnilica, bispo titular de Rusado (em Roma), e representantes de 6 países. Electuou-se um pequeno cortejo conduzindo as flores para a capela das aparições onde foram depositadas junto da imagem de Nossa Senhora. O Senhor Bispo de Leiria agradeceu esta oferta simbólica. O Cardeal de Colombo entregou na mesma altura um ramalhete espiritual feito na sua arquidiocese em homenagem à Fátima.

A hora santa das 22 às 23 horas foi pregada em diversas linguas. Um dos oradores foi o Cardeal Arcebispo de Colombo. A procissão eucarística pelo recinto teve o maior fervor. Milhares de peregrinos acompanharam o Santíssimo Sacramento com velas acesas cantando louvores.

Durante a noite houve adoração eucarística pelas vigararias da diocese de Leiria.

A missa da comunhão geral foi celebrada pelo Cardeal Maurice Le Roy, Arcebispo de Quebec, presidente da Comissão Permanente dos Congressos Marianos Internacionais. Foram distribuídas mais de 25.000 comunhões.

Centenas de sacerdotes celebraram missa na Basílica e noutros altares. Na capela das aparições celebraram-se missas consecutivamente.

Às 10 horas rezou-se o terço e realizou-se a procissão com a imagem de Nossa Senhora. O andor foi conduzido pelo Presidente e vereadores da Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém, cujo estandarte ladeava a imagem. Dezenas de outros estandartes entre os quais sobressaíram os da Liga Eucarística dos Homens, da Acção Católica e das paróquias da diocese de Leiria, incorporaram-se nesta procissão.

Às 11 horas celebrou solene pontifical S. Em.* o Cardeal Patriarca de Lisboa, que ao evangelho proferiu uma homilia sobre a essência da Mensagem da Fátima — penitência, oração e emenda de vida. O resumo da homilia foi traduzido em diversas linguas.

Na colunata do lado da epístola, assistiram centenas de peregrinos de Alemanha, Holanda, Bélgica, França, Áustria, Irlanda, Inglaterra, América do Norte, Brasil, Argentina, Itália, etc. Na outra colunata assistiram dezenas de doentes.

Ao ofertório os diocesanos de Leiria entregaram centenas de alqueires de trigo para as hostias do Santuário.

Junto do altar assistiram ao pontifical, SS. EE. os Cardeais Arcebispo de Quebec e Arcebispo de Colombo, os Bispos de Leiria, Luso, Namur, Toulon, Lurdes, Zacapa, Jellapa (Guatemala), Arcebispos de Évora, Cuzco e de Beja, bispo de Coimbra, coadjutor de Lamego, auxiliar de Leiria, Mons. Paolo Hnilica, Dom Cristea, Bispo titular de Lebedo, na Roménia, auxiliar de Tororo (Uganda), Vigário Episcopal de Santarém, Bispo de Arkanja (Congo-Kinshasa).

Depois do pontifical o Cardeal Patriarca de Lisboa deu a bênção papal e declarou encerrado o XII Congresso Mariano Internacional.

O Senhor Bispo de Leiria deu a bênção do Santíssimo Sacramento a dezenas de doentes. Pegou na umbel o Senhor Dr. Carlos Vaz de Faria e Almeida, Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém. Os vereadores da mesma Câmara pegaram nas lanternas.

O Senhor Dom Manuel Gonçalves Cerejeira deu por fim a bênção do Santíssimo Sacramento a todos os peregrinos.

Na procissão do adeus, a imagem de Nossa Senhora da Fátima foi conduzida aos ombros dos Prelados que tomaram parte nas cerimónias, facto que, na história das peregrinações da Fátima, se registou pela primeira vez.

O Senhor Presidente da República, Almirante Américo Tomás, esteve de manhã na Cova da Iria com os seus netos e assistiu à missa celebrada na capela da Casa dos Retiros.

Cinquentenário da Fátima

Todos os fiéis que, devotamente, visitarem o Santuário da Fátima, durante o cinquentenário, e, tendo-se confessado, ali comunicarem e orem pelas intenções do Santo Padre, lucraram uma indulgência plenária por cada dia.

O Papa voltará à Fátima?...

Declarações do Sr. Bispo de Leiria ao jornal da sua diocese "A Voz do Domingo"

A minha ideia ao dirigir-me ao Senhor D. João Pereira Venciano, egrégio Bispo de Leiria, o Bispo da Fátima, como é conhecido por todo o mundo, a quem coube a honra e o privilégio de ladear o Papa nas horas de Maio, era, exactamente, qualquer coisa que ainda não tivesse sido.

A primeira pergunta surgiu: — É do conhecimento geral que foi a visita de V. Ex. Reverendíssima ao Vaticano, a escassos dias do 13 de Maio, que a vinda do Papa a esta terra se tornou uma certeza. Depois, o Sr. D. João quem finalmente deu a Sua Santidade a visitar-nos?

— ... A vinda do Vigário de Cristo à Fátima é algo que transcende a incógnita humana! É graça autêntica desta vinda de Deus pelas mãos dos anjos de Maria. Quem trouxe o Vigário de Cristo à Fátima foi Nossa Senhora. Pode dizer-se sem receio!

— Como sentiu o Papa o fervor dos portugueses? Transpareceu do seu olhar qualquer sentimento revelador?

— Acredite. O povo português foi a revelação para o Santo Padre. Sua Santidade, de certo, imaginou vir encontrar aqui tanta devoção e fé, e ao Vigário de Cristo, tanto entusiasmo, tanta alegria. E o Papa é uma pessoa muito viajada, mesmo depois que subiu ao Sólido Pontifício, não é notório. A cada passo, saiam-lhe expressões como estas: "Ó... que devoção! Que entusiasmo... e tanta gente e em tanta fé!"

— Ordem? Pois nós já não somos...

— Sei o que quer dizer. O Papa percebeu e corroborou, mais tarde, a ideia. Ele tudo observava. Nada lhe passava despercebido. Desde os gestos estendidos pelas estradas, às pontifícias levantadas na Gândara, aos distíctos desdobrados a cada vez que ele lia e repelia, por vezes de uma vez, como aquele tão conhecido do Reguengo — «Vigário de Cristo, liga-nos a Cristo». Via as coisas e, mais que as pessoas, o seu espírito e a sua alma.

— Certa altura, desabafou, como quem falava de um peso: — «Haviam-me dito que o povo português é pobre e miserável, e, no entanto, vejo a todos bem calçados e vestidos. E oram. Mesmo na maneira como atira as flores, como expressa o seu entusiasmo».

— A paisagem portuguesa — prosseguiu o Senhor D. João —, o verde dos campos, os camponeses descendo os outeiros e devesas, ao seu redor, tudo isso o encantou. Já a Batalha, ao contemplar do alto da serra a paisagem impar que se desdobra em amplidões policromas e contrastes até muito longe, até perder de vista, exclamou: — «Ah! Como é bonita... E os campos como estão bem cuidados! Vê-se que os portugueses dedicam ao seu trabalho com amor. Depois, as casas tão limpas, e tantas flores novas por toda a parte...»

— É esta ideia de prosperidade e ordem da terra lusa causou-lhe tão viva impressão que, na sua conversa com o Senhor Presidente do Conselho, no dia seguinte, voltou a vincar, dando-lhe os parabéns. Salazar sorriu, verdadeiramente satisfeito, respondendo-lhe, com a voz firme: — «Sim! Mas ainda há muito que fazer, Santo Padre!»

— Foi pena não ter estado um dia nos nossos dias limpidos, alumiados pelo nosso meigo sol de Maio que abre os botões às flores e lhes arranca arores que embalsamam os ares.

— Foi melhor, assim. Com sol, a multidão enorme que se reuniu na Fátima teria sofrido mais. Até talvez tivéssemos de lamentar casos fatais. Aquele dia esteve providencial. E olhe que nem mesmo houve por estas paragens qualquer desastre, apesar dos carros vindos à Fátima estarem calculados nuns cem mil.

— Talvez estivesse um pouco fresco de mais, de manhã...

— Sim. No automóvel, com a deslocação do ar, sentia-se um pouco de frio. Pedi ao Santo Padre que se resguardasse. Respondeu-me — «Deixe-me respirar este ar leve e puro. Nem sempre o tenho à minha disposição...»

Mas talvez tenha feito um bocadinho de penitência. Aliás a longa caminhada até à Fátima, sempre de pé, de braços erguidos, sorrindo e acenando, deve ter causado ao Santo Padre cansaço e sofrimento grandes. Mas não foi sómente essa a penitência que fez na sua peregrinação à Fátima. Era jornada de sacrifício e ele foi o primeiro a dar o exemplo e o primeiro a cumprir-lhe alegremente. É um grande Papa. Será, certamente, o Papa da Paz.

Era para as crianças que iam as suas predileções. Os meninos e meninas das escolas, com as suas batas brancas, capitaneados pelas mestras entusiastas, atraíam-lhe especialmente a atenção. Confessou-me, sorrindo: — «As vossas crianças são muito lindas!...»

— E quanto ao número dos que acorrem à saudá-lo? Diz-se não haver memória nos anais do Cristianismo de tamanha congregação de féis. No Vaticano, ou em parte alguma...

— Sim. E o Santo Padre ficou surpreendíssimo. Na Fátima, sobretudo, o entusiasmo daquela avalanche humana era avassalador.

Como o Santo Padre me fizesse notar aquela imensa multidão, eu lembrei-lhe que a dedicação do povo português à Sé de Pedro tem raízes fundas que entroncam com as da própria nacionalidade. Se tivesse de atravessar qualquer outro rincão de Portugal, a afluência e entusiasmo seriam iguais.

Foi devido a este fervor e entusiasmo que se não pôde seguir à risca o programa estabelecido para as cerimónias da Fátima. Assim, o Santo Padre havia resolvido descer até junto dos enfermos para lhes falar, para os consolar e dar a sua bênção. Ele próprio mani-

festou o desejo de se incorporar na «Procissão do Adeus».

Mas o fervor dos peregrinos atingira o seu zénite! Achar-se, por isso, mais prudente alterar o programa; seria tentar demais a compostura de que todos, até ali, haviam dado provas. Sua Santidade estava emocionado.

— Não admira que tenha levado a palavra saudade no coração e nos lábios!...

— Posso garantir-lhe que sim. E, daí, acreditar que voltará de novo, um dia...

— Mas há qualquer fundamento para essa esperança? O Santo Padre prometeu voltar?!

— Bem. O caso foi assim. Foi no mosteiro da Batalha. Sua Santidade admirava alguns recantos daquele monumento que ele, aliás, já conhecia por gravuras. Mostrava-se particularmente interessado por aqueles labores artísticos, por aquelas filigranas de pedra, tão ricas como se fossem de ouro. A nave central, sobretudo, e a abóbada da Capela do Fundador fascinavam-no. Estava, pois, naquele deslumbramento, quando o Senhor Ministro dos Negócios Estrangeiros lhe lembrou as «Capelas Imperfeitas». Hesitou. De um lado, o desejo de continuar a recrear o espírito, do outro, a premência dos horários a cumprir, e já tão ultrapassados. Foi então que soltou a frase que nos radicou a esperança de que ele um dia voltará: — «Sim, verei! Mas será para outra vez!»

— Será possível?

— Claro, é possível. Seria talvez essa a sua vontade. Mas são tantos os imponderáveis da vida mundial nos nossos dias, são tantos os povos a chamá-lo... Talvez os atingsse até uma leve emulação, se manifestasse mais uma vez, desse modo, toda a sua predileção pelos portugueses! Mas, quando se ama, todas as vias se endireitam, todos os caminhos são curtos...

— Nessa altura, seria a apoteose! Sobretudo, se, então, a porta de entrada fosse Lisboa!...

Ouvem-se por aí meias palavras a lançar ao vento a ideia de que o Papa não desceu em Lisboa por razões políticas...

— Nada disso. Todos sabemos, e ele próprio o declarou, que a sua missão em Portugal, como aliás por todo o mundo, foi toda espiritual e de paz. Por isso, ninguém de boa fé lhe poderia assacar ligações de qualquer tendência, se ele resolvesse descer na Portela. Não o fez porque a sua saúde, ainda que não seja precária, não suporta as extravagâncias dos novos. O programa assim estabelecido seria arrasador. O Santo Padre, nas viagens que venha a fazer a outros povos, certamente agirá como entre nós: de avião, directamente ao local (e sempre local espiritual) a visitar.

— E certamente que o Papa prosseguirá na sua determinação de ir ao encontro dos povos.

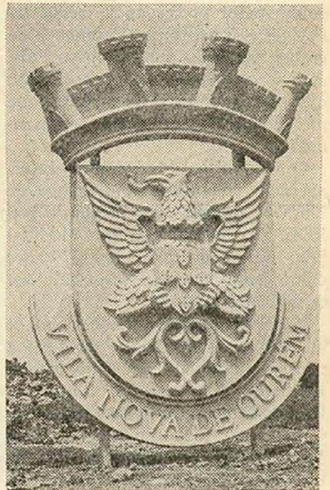
— Sem dúvida. Os tempos, hoje, são outros. O mundo saiu dos caminhos tradicionais e parece cambalear, sem atinar com o rumo certo. Se os bons o não encaminharem no bom sentido, os maus se encarregarão de o conduzir pelas suas vias. E só Deus sabe o bem que o Vigário de Cristo espalha nestas jornadas apostólicas. Muitas dessas graças nós as vemos, as detectamos, sobretudo no foro íntimo das almas. Mas há outras, verdadeiramente providenciais, que agora se nos escapam, mas cujos resultados surgirão um dia. O Papa é o primeiro missionário dos nossos dias.

— E não foram só graças espirituais. Sua Santidade foi de grande generosidade para com o nosso país...

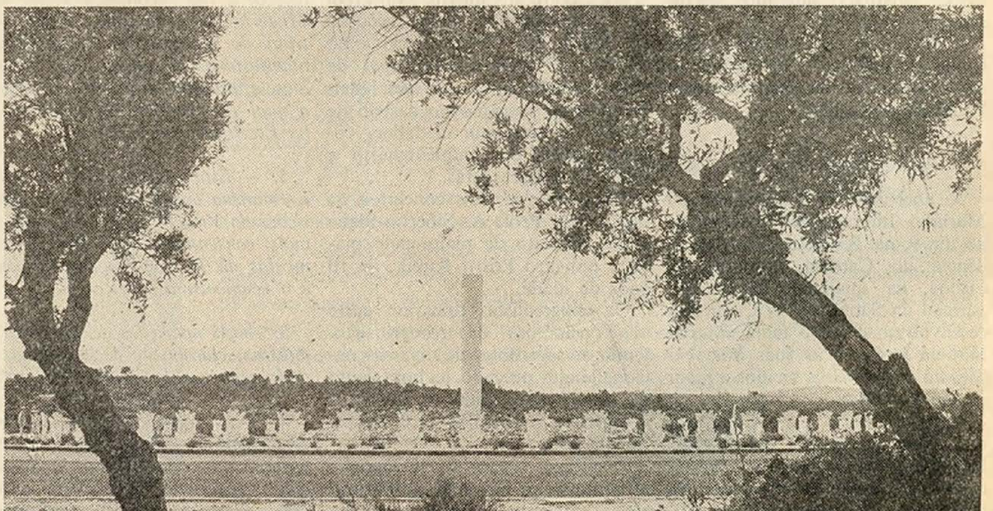
— Extraordinária. Os números foram publicados nos jornais. Outorgou-nos também peças de grande valor estimativo e artístico. (...)

Todos nós portugueses devemos estar muito gratos ao Santo Padre por vir a nossa casa. Ele foi portador de muitas bênçãos divinas, acredite. E até no plano internacional o mundo ficou a conhecer-nos melhor. Reconheceu aquilo que, na verdade, somos: um povo ordeiro, digno, fervoroso, idealista e amante da paz.

SILVA RESENDE



Brasão de Vila Nova de Ourém, a quem se deve a feliz iniciativa dos brasões dos municípios portugueses na Fátima.



FÁTIMA — Aspecto duma das rotundas da entrada no Santuário com os brasões dos municípios.

Congressos Internacionais em Portugal — V Mariológico e XII Mariano



FÁTIMA, 13 de Agosto — Sessão de encerramento do XII Congresso Mariano Internacional, sob a presidência do Cardeal Patriarca de Lisboa

O cinquentenário da Fátima ficou assinalado com a realização de dois acontecimentos que se traduziram em grandiosas jornadas de estudo, reflexão e devoção mariana.

Estes acontecimentos trouxeram ainda maior projecção à causa da Fátima e constituíram momento de grande elevação para o nosso País, dada a categoria e número elevado dos participantes e das nações que nos Congressos estiveram representadas.

O Congresso Mariológico Internacional efectuou-se em Lisboa de 2 a 8 de Agosto e foi presidido por S. E. o Cardeal Patriarca de Lisboa, designado pelo Santo Padre como seu enviado especial aos dois Congressos.

A sessão de abertura efectuou-se na sala da Universidade de Lisboa com a assistência do Ministro da Educação Nacional, do Reitor da Universidade, do Presidente da Câmara de Lisboa e do Presidente da Pontificia Academia Mariana Internacional, Padre Carlos Balic. As sessões de estudo realizaram-se no Colégio Pio XII, de Lisboa.

Participaram nas sessões teólogos de diversas congregações e nacionalidades, bem como de outras confissões religiosas: luteranos, anglicanos e ortodoxos.

A sessão de encerramento deste Congresso realizou-se na Fátima no dia 9 sob a presidência do Cardeal Patriarca de Lisboa.

* * *

A abertura do XII Congresso Mariano Internacional efectuou-se no dia 9, na Basílica, sob a presidência do Cardeal Patriarca de Lisboa, na qualidade de enviado especial da Santa Sé. O Congresso desenvolveu-se sob o tema «Maria, Mãe da Igreja, e as suas intervenções no decurso dos séculos a favor do povo cristão».

Tomaram parte neste Congresso o Cardeal Arcebispo de Quebec, Presidente da Comissão Permanente dos Congressos Marianos Internacionais, o Cardeal Thomas Coray, arcebispo de Colombo (Ceilão), os Arcebispos de Évora, de Beja,

bispos de Namur (Bélgica), Lurdes e Toulon (França), Zacappa e Lelepa (Guatemala), titulares de Lebedo (Roménia) e Rusado (Checoslováquia), bispo de Arkania (Congo) e Tororo (Uganda), Arcebispo de Cizico, bispo de Coimbra e coadjutor de Lamego, auxiliar de Leiria, vigário-geral das Forças Armadas, bispos de Leiria e Luso, etc.

Foram oradores: P.^e Enrique del Sagrado Corazón, professor da Universidade de Salamanca; cónego Sebastião Rosso, de Siracusa; Prof. Dr. Luis de Pina, da Universidade do Porto; Dr. Dom Blas Pinar Lopez; Bispo de Lourdes; Senhora Marechala Leclerc; P.^e Ladislau Varga; Flaminio Piccoli, vice-secretário do Partido da Democracia Cristã, da Itália; Mons. Luis Novarese, da Itália.

O Rev. P.^e Carlos Balic assistiu ao Congresso na qualidade de presidente da Pontificia Academia Mariana Internacional, e assistiram ainda cristãos de outras confissões religiosas da Alemanha, Inglaterra e Egipto.

No dia 10, celebrou-se uma missa em rito bizantino-romeno pela Igreja do Silêncio, celebrada por D. Basílio Cristea, bispo titular de Lebedo, com homilia em 9 línguas.

No dia 10, a Câmara Municipal de Leiria ofereceu uma recepção em Leiria aos Congressistas e, no dia 11, a Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém ofereceu igualmente uma recepção no castelo de Ourém e entregou medalhas comemorativas do cinquentenário a todos os congressistas.

Efectuaram-se dois concertos de órgão pelo Prof. A. Sibertin-Blanc e um concerto de piano pelo pianista húngaro Pedro Kubik, de 10 anos de idade.

Os congressistas tomaram parte nas cerimónias da peregrinação, tendo os sacerdotes de diversas nacionalidades pregado na hora santa do dia 12 e recitado os mistérios do terço e o ofertório no Pontifical do dia 13.

A última sessão do Congresso efectuou-se no pavilhão da Exposição — 50 anos da Fátima, no dia 13, às 9 horas, e foi presidida por S. E. o Cardeal Patriarca, estando

presentes todos os cardeais, bispos e conferencistas, bem como todos os congressistas efectivos e participantes.

O Senhor Dom Domingos de Pinho Brandão leu as conclusões que foram aprovadas. Usaram da palavra os cardeais de Quebec e

Colombo, o P.^e Balic e S. Em.^a Cardeal Patriarca de Lisboa.

O Congresso Mariano Internacional foi declarado encerrado no fim da missa de Pontifical tendo S. Em.^a dado a todos os participantes, bem como a todos os peregrinos, a bênção Papal.

Voto e Conclusões do XII Congresso Mariano

VOTO:

Que as Associações Mariológicas e Marianas existentes e aprovadas pela Autoridade Eclesiástica e que estão em actividade, intensifiquem a sua acção; as que, porventura, têm sido inoperantes, revivam. Os participantes nestes dois congressos Mariológico de Lisboa e Mariano da Fátima, de cujo êxito se congratulam, lamentam a ausência da Associação Mariana Portuguesa, em tempos fundada e aprovada pelo Episcopado Português, e formulam o voto de que a mesma retome a sua actividade, eficaz e frutuosamente.

Este voto não só pretende o renascimento e a actividade das Associações Mariológico-Marianas, mas também que sejam fundadas novas, onde não existam, e se criem condições favoráveis à sua actividade.

Finalmente, para dar cumprimento ao que está estabelecido nos Estatutos do Conselho permanente dos Congressos Mariológicos e Marianos Internacionais que têm a sua sede na Pontificia Academia Mariana Internacional de Roma, recomenda-se, vivamente, às Associações particulares que suspendam as suas reuniões periódicas nos anos em que se celebrem Congressos Mariológicos ou Marianos Internacionais.

CONCLUSÕES

1.^o — *As intervenções extraordinárias da Virgem Maria, na sua contínua sucessão e progresso, devem colocar-se na Economia Geral do Mistério da Salvação, porque se trata de intervenções carismáticas, manifestando claramente, nos nossos dias, a intenção da palavra de Deus, a qual está contida, essencialmente, na Escritura e na Tradição.*

2.^o — *Esta maneira de apresentar a Doutrina da Igreja sobre as Aparições da Virgem parece ser, hoje, a mais consentânea com os ensinamentos do II Concílio do Vaticano e o ecumenismo.*

3.^o — *As aparições de Maria manifestam claramente a Sua maternidade espiritual para com a Igreja.*

4.^o — *as Aparições da Virgem conduzem-nos a uma mais perfeita compreensão do Mistério da Salvação manifestado na Liturgia e levam-nos também a penetrar no conhecimento e prática sacramental da maternidade espiritual da Igreja.*

5.^o — *Os Santuários dedicados à Virgem incorporam-se adequadamente na Pastoral geral da Igreja em virtude da relação existente entre a Sua missão e a doutrina Evangelica e ainda porque constituem lugares providencialmente escolhidos para uma catequese adaptada a todos, mesmo os mais simples e humildes fiéis. E também porque neles se pode praticar uma oração renovada bem assim como uma intensa vida sacramental, sobretudo nos Sacramentos da Penitência e Eucaristia.*

Este Voto e estas Conclusões foram lidos na sessão de encerramento do Congresso na Fátima pelo Sr. D. Domingos de Pinho Brandão, Bispo Auxiliar de Leiria e presidente da Comissão Portuguesa dos Congressos. Antes da leitura, a assembleia cantara o Credo e o mesmo orador apresentara uma resenha do que foi o Congresso e de alguns dos trabalhos que mereceram referência especial.

PUBLICAÇÃO DE GRAÇAS

Muitas pessoas se lamentam e nos perguntam qual a razão por que não foram ainda publicadas as graças, cujos relatos nos mandaram, por vezes, há alguns meses. E ficam recosas de que as suas promessas não estejam suficientemente cumpridas.

A todos informamos de que a publicação de graças, quer de Nossa Senhora quer dos Videntes, demora meses e até anos a sair, porque temos muitíssimas para publicar. São-lhe a seu tempo, e escusam de nos escrever a perguntar quando será publicada qualquer graça, porque não responderemos por falta de tempo.

As promessas estão cumpridas desde o momento em que nos enviam os relatos das graças recebidas.

O facto da publicação tardar não é da responsabilidade das pessoas, mas de quem dirige o jornal, ou melhor da abundância dos pedidos e da falta de espaço.

Fica dado este esclarecimento para sempre.

Um estudante cego veio à Fátima

Esteve em Julho na Cova da Iria o Sr. Maurice Gargues, que reside em Paris, tem 21 anos e é estudante do Conservatório de Música de Paris. É cego e fez a viagem em «auto-stop». Regressou à sua terra utilizando o mesmo meio de transporte.